



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

**MARIA VALQUÍRIA GOMES DOS SANTOS**

**AS MARIAS NEGRAS: UMA REPRESENTAÇÃO DE COR E GÊNERO  
NO ESPAÇO DOMÉSTICO**

**GUARABIRA  
2022**

MARIA VALQUÍRIA GOMES DOS SANTOS

**AS MARIAS NEGRAS: UMA REPRESENTAÇÃO DE COR E GÊNERO  
NO ESPAÇO DOMÉSTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Monografia) apresentado ao  
Departamento do Curso de Letras da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito à obtenção do título de graduada  
em Língua Portuguesa.

**Área de concentração:** Literatura Afro-  
Brasileira

**Orientadora:** Profa. Dra. Maria Suely da Costa.

**GUARABIRA  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237m Santos, Maria Valquíria Gomes dos.  
As Marias Negras [manuscrito] : uma representação de cor e gênero no espaço doméstico / Maria Valquíria Gomes dos Santos. - 2022.  
32 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.  
"Orientação : Profa. Dra. Maria Suelly da Costa ,  
Coordenação do Curso de Letras - CH."  
1. Literatura Afro-Brasileira. 2. Mulher. 3. Racismo . 4.  
Antirracismo . I. Título  
21. ed. CDD 808.068

MARIA VALQUÍRIA GOMES DOS SANTOS

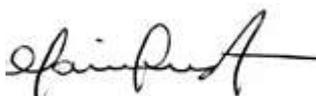
**AS MARIAS NEGRAS: UMA REPRESENTAÇÃO DE COR E GÊNERO  
NO ESPAÇO DOMÉSTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura Afro-Brasileira

Aprovada em: 29/11/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



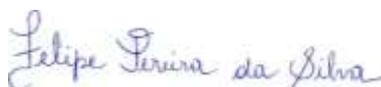
---

Profa. Dra. Maria Suely da Costa (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Profa. Dra. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Me Felipe Pereira da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB)

Ao meu Deus, minha família, amigos e as  
mulheres negras, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, a quem sempre foi meu tudo, sempre cuidando de mim em cada passo, a quem todos os dias entrego a minha vida e confio inteiramente. Pois, os planos de Deus são maiores que os meus.

À minha família por sempre me apoiar, minha mãe, Josefa, por ser minha base em todas as batalhas da minha vida e, ao meu pai, Severino, por me incentivar nessa caminhada.

Aos meus irmãos, Ana, Paula e Leonardo, pois, sou a mistura de um pouquinho de cada um deles, cada um com sua participação. Em especial, a minha irmã mais velha, Ana, que mesmo de longe sempre esteve perto. Obrigada por me fazer acreditar nos meus sonhos e por incentivá-los, me dando forças nos dias nublados. Você é um ser humano de luz em nossa família, nossa "mama".

À Manu, que vem chegando agora, minha sobrinha/afilhada, é por ela que espero um mundo melhor, com um ensino antirracista e igualitário para todos.

À minha tia Luzia, que sempre se orgulhou das minhas conquistas, por quem tenho um imenso carinho.

Aos meus amigos/irmãos do coração, Márcia e Rafael, por fazerem parte da minha trajetória desde criança e serem meus melhores, por me apoiarem e incentivarem sempre.

Ao amigo Edimilson, que sempre foi um exemplo de superação e força de vontade. Através dele aprendi a ser um ser humano melhor, si colocar no lugar do outro com empatia e em prol de uma educação inclusiva para pessoas com necessidades especiais.

As amigadas que a faculdade me proporcionou, Geane, Jardiane, Isabel e Eucimara, minha equipe de trabalhos. Esse percurso com vocês se tornou uma história compartilhada e cheia de aprendizados.

À Ewelyn, minha duplinha, estivemos juntas nos perrengues do ensino remoto, mas sempre nos apoiando e vencemos.

À Janekele, a quem conheci na fase final do curso, mas que muito me ajudou. Obrigada por sempre me dar dicas e pelas horas de percurso até a faculdade serem mais divertidas e proveitosas.

À professora Suely Costa, por todas as orientações e seu amor pela literatura. Obrigada por me ajudar a discutir esse tema tão importante/significante para nossa sociedade, e especificamente, para as mulheres negras.

Ao PIBID, programa esse que me fez abrir a visão e se apaixonar ainda mais pela arte de ensinar.

As professoras, Fátima Aquino e Danielle Mendes, por todos os ensinamentos que me passaram durante a regência do PIBID.

Aos meus colegas/amigos pibidianos, Alexcielly, Amanda(s), Ewelyn, Izabel, Luana, Manoel Júnior, Mariana, Raíssa, Rita, Vinícius e Sthefany com os quais percorremos juntos esse significativo projeto.

A todos os professores que fizeram parte dessa história, do ensino básico até a graduação, pois, cada um deixou suas contribuições que muito serão válidas para a profissional que serei.

*Mesmo que voltem as costas  
Às minhas palavras de fogo  
Não paparei de gritar  
Não pararei  
Não pararei de gritar  
[...]  
Minh'alma já está cansada  
Eu quero o sol que é de todos  
Quero a vida que é de todos  
Ou alcanço tudo o que eu quero  
Ou gritarei a noite inteira  
Como gritam os vulcões  
Como gritam os vendavais  
Como grita o mar  
E nem a morte terá força  
Para me fazer calar*

*(Protesto - Carlos de Assumpção)*

## RESUMO

Em pleno século XXI, falar de racismo ainda é necessário uma vez que se trata de uma prática recorrente nos diversos contextos sociais do Brasil. Com o intuito de discutir sobre essa questão social, este trabalho traz uma análise dos contos “Maria”, publicado em *Olhos D’Água* (2018), de Conceição Evaristo e “A última empregada”, publicado em *Cadernos Negros 40* (2017), de Ana dos Santos. Ambos discorrem sobre mulheres negras na condição de empregadas domésticas, sob o estigma de um modelo estereotipado pela sociedade. O objetivo dessa análise está em verificar como temáticas em torno da mulher negra protagonizada estão representadas nestas narrativas. Esse trabalho de caráter bibliográfico se fundamenta em estudos sobre o papel da mulher negra no meio social, assim como a identidade do ser negro, conforme discute Almeida (2019), Adichie (2019), Munanga (2019), Silva (2019), Carneiro (2020), Assumpção (2020), entre outros. As narrativas apresentadas neste trabalho, mostram um quadro do papel da mulher negra no espaço do trabalho doméstico, com foco para os temas da submissão, transgressão e representatividade da mulher negra. O espaço literário é uma porta para que se verifiquem, em meio a tantos estereótipos que marcam a trajetória do ser negro(a), haver vozes acordadas e reagindo em busca do reconhecimento e de uma percepção antirracista. Desse modo, este trabalho possibilitou uma reflexão acerca do espaço da mulher negra na sociedade brasileira, buscando discutir causas relevantes dessa luta contra a discriminação racial.

**Palavras-chave:** Literatura Afro-Brasileira. Mulher. Racismo. Antirracismo.

## **ABSTRACT**

In the middle of the 21st century, talking about racism is still necessary since it is a recurrent practice in the different social contexts of Brazil. In order to discuss this social issue, this work brings an analysis of the short stories “Maria”, published in *Olhos D’Água* (2018), by Conceição Evaristo and “A Last Maid”, published in *Cadernos Negros 40* (2017), by Anna dos Santos. Both talk about black women as domestic servants, under the stigma of a model stereotyped by society. The objective of this analysis is to verify how themes around the black woman as protagonists are represented in these narratives. This bibliographic work is based on studies on the role of black women in the social environment, as well as the identity of being black, as discussed by Almeida (2019), Adichie (2019), Munanga (2019), Silva (2019), Carneiro (2020), Assumpção (2020), among others. The narratives presented in this work show a picture of the role of black women in the domestic work space, focusing on the themes of submission, transgression and representativeness of black women. The literary space is a door for verifying, amid so many stereotypes that mark the trajectory of being black, there are voices that are awake and reacting in search of recognition and an anti-racist perception. Thus, this work enabled a reflection on the space of black women in Brazilian society, seeking to discuss relevant causes of this fight against racial discrimination.

**Keywords:** Afro-Brazilian Literature. Women. Racism. Antiracism.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>BRASIL: UM CONTEXTO HISTÓRICO DE DESIGUALDADES ENTRE BRANCOS E NEGROS .....</b>	<b>13</b>
<b>2.1</b>	<b>A Leitura literária para uma educação antirracista.....</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>A FIGURA DA MULHER NEGRA SOB O OLHAR ESTEREOTIPADO</b>	<b>20</b>
<b>3.1</b>	<b>“Maria e a Última Empregada”: entre a submissão e a transgressão.....</b>	<b>23</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>29</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>31</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura tem um grande poder humanizador e age como função social, a qual devemos trabalhar como prática no desenvolvimento dos indivíduos, agindo como efeito de refletir, conscientizar, fazer pensar. Considerando isso, pretendemos desenvolver uma leitura analítica para este estudo articulando texto e contexto, a partir do olhar sobre personagens femininas negras de narrativas literárias. Diante desse seguimento, discorreremos a respeito da estereotipação da mulher negra, em função do racismo, a discriminação, a desigualdade. É angustiante vermos que, percorridos séculos, o Brasil ainda é racista; e vai além, o racismo estrutural se impregnou na sociedade e é praticado como um ato de "não foi essa a intenção". Não deveria ser, mas foi, seja de propósito ou por falta de conhecimento. Embora tal ato não se justifica.

A Lei 10.634/03 estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências, abrindo espaço para que se efetive uma prática educativa inclusiva referente ao negro em suas mais diversas representações culturais, religiosas, sociais.

Do ponto de vista literário, este trabalho tem como objetivo verificar como temáticas em torno da mulher negra protagonizada estão representadas nos contos "Maria", de Conceição Evaristo<sup>1</sup> e "A última empregada", de Ana dos Santos<sup>2</sup>. Observando os fatos e acontecimentos que envolvem a figura da mulher negra no contexto social, tem-se as possibilidades para refletirmos sobre importantes temáticas que devem ser discutidas, não somente como conscientização dos leitores, mas com o intuito de educar para a vida.

---

<sup>1</sup> Linguista e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Conceição Evaristo é um grande expoente da literatura contemporânea, romancista, poeta e contista. Suas obras, cuja matéria-prima literária é a vivência das mulheres negras – suas principais protagonistas – são repletas de reflexões acerca das profundas desigualdades raciais brasileiras. (In: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/conceicao-evaristo.htm>).

<sup>2</sup> Professora de Literatura Brasileira e poetisa. Mestranda em Estudos Literários Aplicados do PPG Letras/UFRGS, ministra a oficina de escrita criativa *Mulher Negra, Meu Corpo, Minha Voz*. Faz parte do catálogo *Intelectuais Negras Visíveis* (UFRJ) e é Acadêmica de Letras do Brasil/Rio Grande do Sul na cadeira 100 com a patrona Lélia Gonzales. (In: <https://literaturars.com.br/2020/10/27/a-lingua-dos-poenegros-de-ana-dos-santos/>).

Essa pesquisa se caracteriza como bibliográfica, e para contextualizarmos o papel da mulher negra no meio social, assim como a figura do ser negro, utilizamos como fundamentação os apontamentos de Silvio Almeida a partir do discurso em sua obra *Racismo Estrutural* (2019), Chimamanda Ngozi Adichie com a abordagem intitulada *O perigo de uma história única* (2019), Kabengele Munanga em seu estudo intitulado *Negritude: usos e sentidos* (2019), Cidinha da Silva que traz relatos da discriminação racial em *#Parem de nos matar* (2019), Sueli Carneiro que faz uma reflexão sobre a desigualdade gênero/racial a partir da coletânea de artigos publicados no livro *Escritos de uma vida* (2020), Carlos de Assumpção com seu lirismo a dar voz ao negro na obra *Não pararei de gritar* (2020), entre outros.

Ler não é apenas um ato qualquer; ler requer mais que apenas ler, requer reflexão, crítica, discutir, opinar e relacionar. Assim, justificamos a discussão a ser desenvolvida com o intuito de refletir as temáticas apresentadas nos contos através de uma leitura crítica-reflexiva da literatura com uma função social. Assim, buscar compreender como as temáticas representadas nos contos estão relacionadas a valores sociais nas relações de poder é entender que, na maioria das vezes, estes são impostos pela sociedade e passados de geração em geração, o que causa essa forma estereotipada de vermos o(a) negro(a) como o(a) serviçal, aquele que foi feito para servir, a exemplo da figura da mulher negra e empregada doméstica.

A desigualdade da mulher negra no mercado de trabalho tende a ser naturalizado, além de estigmatizado. Muitos acreditam que o trabalho doméstico seja o único campo de trabalho acessível a quem falta à instrução. Muitas das mulheres negras não tiveram direito a educação que as brancas tiveram, fruto de um acesso facilitado à escolaridade e uma base familiar, acarretando situação de desigualdades.

Nesta leitura, discorreremos sobre a figura da mulher empregada doméstica com ênfase para a representatividade social da mulher negra que busca horizontes de vida por via da transgressão. No primeiro momento, discorreremos brevemente sobre no contexto histórico do Brasil que acarretou essa desigualdade da democracia racial, fazendo ponto com os privilégios da branquitude<sup>3</sup> em

---

<sup>3</sup> Trata-se do privilégio branco, na hierarquia das relações sociais na sociedade (BENTO, 2002).

contraposição da negritude<sup>4</sup>. No segundo momento, trazemos as discussões que se relacionam com a representatividade da figura da mulher negra no meio social, visto que, a mulher pode ou deveria escolher seu lugar e não apenas ficar no lugar em que a sociedade impor, indo de encontro a postura da sociedade branca se ver desacatada porque um(a) negro(a) subiu na vida. E, no terceiro momento, trataremos dos contos objetos de análise neste estudo nos quais protagonizam duas mulheres negras, empregadas domésticas.

---

<sup>4</sup> 1. Referência à qualidade ou condição de ser negro. 2. sentimento de orgulho racial e conscientização do valor e da riqueza cultural dos negros (In: <https://www.dicio.com.br/houaiss/>). Negritude como movimento político ideológico de valorização do negro (MUNANGA, 2019).

## 2 BRASIL: UM CONTEXTO HISTÓRICO DE DESIGUALDADES ENTRE BRANCOS E NEGROS

O advento da assinatura da Lei Áurea, em 1888, determinando a abolição da escravatura ou o fim da escravização dos negros no Brasil, para os povos negros, representaria um contexto de independência, liberdade para uma nova vida. A abolição seria o fim da dura imagem dada aos negros, vistos ou tidos apenas para o serviço duro e árduo, com direito ao mínimo e com a vida marcada para ser o serviçal das famílias brancas. A classe branca dominante sempre foi a que usufruiu da escravização do povo negro, mantendo-os escravos(as) sob sua liderança, como objetos de poder.

Entretanto, as condições pelas quais o povo negro ganhara a liberdade oficial, para um viver longe da opressão que durou séculos, não somente não foi injusta em termos econômicos para uma mudança de cenário, uma vez que coube aos negros “uma carta de despejo”, como ainda a estes foi impregnado a discriminação dando forma ao que se denominaria de racismo estrutural<sup>5</sup>.

A naturalização de ações, hábitos, situações, falas e pensamentos que já fazem parte da vida cotidiana do povo brasileiro promovem, direta ou indiretamente, a segregação ou o preconceito racial tem muito definido a condição das mulheres negras:

[...] reserva-se a condição de "burro de carga": “Preta pra trabalhar, branca para casar e mulata pra fornicar”. Esta é a definição gênero/raça, instituída por nossa tradição cultural patriarcal colonial, para as mulheres brasileiras, que, além de estigmatizar as mulheres em geral ao hierarquizar-las do ponto de vista ideal patriarcal de mulher, introduz contradições no interior do grupo feminino.” (CARNEIRO, 2020, p. 156).

O estigma social que a população negra recebeu ao longo dos anos, em particular as mulheres negras, tem construído as relações sociais de base colonial. O patriarcalismo é um dos fatores que incentivam essa forma estigmatizada quando se fala em mulher, seja ela branca e a negra, se tem uma definição para que serve cada uma, como visto na citação acima, assim, repassado por gerações, pela sociedade patriarcal que dita as regras das relações políticas, econômicas e sociais, gerando a discriminação e a desigualdade étnico-racial.

---

<sup>5</sup> A naturalização de pensamentos e situações que promovem a discriminação racial forma o racismo estrutural (ALMEIDA, 2019).

A branquitude, enquanto fator contribuinte para a discriminação racial, é vista como consequência de efeitos negativos para a negritude. Quando se fala em branquitude, falamos no privilégio branco, de ir e voltar sem ser julgado por sua história, na verdade, não tem um histórico de dor e discriminação. O que na maioria das vezes, gera o racismo é a falta de conhecimento histórico, a descontextualização do histórico ou mesmo o discurso estereotipado naturalizado, pondo o negro como classe inferior, quando estes, desde o processo de colonização e escravização, dão forma a um grupo que luta com muita força e vontade de viver em uma sociedade com direitos iguais (SCHUCMAN, 2020).

Enquanto esse contexto histórico que inferioriza for produzido e reproduzido de forma a ser valorizado somente os ideais da branquitude, infelizmente continuaremos a ser um país racista e excludente, a aceitar como normal e o certo a mulher negra como a serviçal e a branca como a ser servida, jamais o oposto.

Observando práticas sociais, especificamente em mídias televisivas que transmitem continuamente o racismo, é possível verificar a transmissão de privilégios e violências racistas e sexistas. Como aborda Cidinha da Silva (2019, p. 26):

o problema para uma atriz negra não é representar trabalhadoras domésticas nas telenovelas brasileiras. O problema está na representação de empregadas sem voz, mudas em todas as cenas, nas quais aparecem servindo cafezinho ou limpando a mesa.

Essa forma da representação das empregadas domésticas nas telenovelas, de forma estigmatizada e estereotipada como indivíduo inferior, não muda o cenário da escravidão conforme os padrões coloniais. Não é algo criado pela instituição, mas é por ela reproduzido, uma vez que mais naturaliza e mantém uma ordem estabelecida que problematiza em nome de uma possível alternância. Assim, enquanto a mulher negra for a selecionada para esse papel, sem voz, como personagem só para aparecer na cena, como mero objeto do cenário, estaremos vendo a exposição da manutenção de um racismo estrutural sendo reproduzido para o país inteiro.

De outro modo, quando se ver uma mulher negra atuante, com voz e espaço, tem-se uma vitória de representatividade da luta encarada por uma mulher na condição de ser negra, a exemplo, da mulher negra Maria Júlia Coutinho (Maju),

jornalista na *TV Globo*, que foi vítima de racismo ao subir de posição profissional ao se tornar apresentadora de um dos jornais mais importantes da emissora, o *Jornal Nacional*. Ao ser anunciada, houve um bombardeio de comentários racistas nas redes sociais. O que nos faz concluir que se fosse uma mulher branca seria mais uma situação normal da representação da branquitude. Contudo, quando se tem no cenário uma mulher negra, sofisticada, instruída, ocupando o lugar pelo qual ela lutou, a sociedade se espanta e mostra como é racista. Em uma postura de resistência, Maju Coutinho não abaixou a cabeça, mostrou-se forte e competente, pontuando uma visão positiva à representativa de seu povo.

O exemplo da jornalista (Maria Júlia Coutinho)<sup>6</sup>, remete a discriminação racial<sup>7</sup>, ela foi alvo desse ataque racista, pelo fato de ser negra, a cor mais uma vez foi vista como desmerecimento dela estar ali. Fatos assim precisam instigar a indignação.

O crime de discriminação racial deve ser tratado com dureza e precisão. A casa-grande não pode ameaçar impunemente a vida de pessoas negras cada vez que elas saem de lugares de subalternidade construídos com esmero para domesticá-las.” (SILVA, 2019, p. 50).

Diante dos muitos exemplos de racismo presentes em nosso país, é possível concordar que “O mundo real não nos permite dizer que o racismo esteja com os dias contados, mas a coisa está ficando preta. Embora menos preta do que o necessário, a reação e a resistência estão mais complexas, fortes e ágeis.” (SILVA, 2019, p. 93). A voz negra está se intensificando, o negro está tomando seu lugar e pondo o pé onde sempre lhe coube, mesmo em meio a discriminação, resistir e seguir, é a opção cantada por muitos, dentre estão os escritores e escritoras negras, cuja obra literária precisa estar nos espaços escolares para fins de uma educação antirracista.

## 2.1 A leitura literária para uma educação antirracista

O Brasil é um país construído a partir da miscigenação. Mesmo assim, o que deveria ser visto como diversidade de raças, etnias, culturas etc. tende a ser negado

---

<sup>6</sup> In: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/07/maria-julia-coutinho-maju-e-vitima-de-racismo-no-facebook.html>.

<sup>7</sup> Conforme pontua Almeida, “A discriminação racial é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados” (ALMEIDA, 2019, p.26).

pelo racismo que se estruturou na sociedade brasileira. É preciso uma conscientização acerca dos danos que essa prática provoca. Contudo, não adianta quereremos combater o racismo se, antes de tudo, não o reconhecemos. É preciso antes de tudo abrir espaços para uma nova maneira de entender e refletir sobre a nossa histórica, cultura e práticas sociais.

Do ponto de vista da formação escolar, a construção de uma educação antirracista pode ser compreendida, nesse sentido, como um projeto político que expande as conquistas legais que o movimento negro<sup>8</sup> obteve nas últimas décadas em nosso país, desde a instituição do racismo como crime inafiançável e imprescritível na Constituição de 1988 até a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira através da Lei nº 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

A obrigatoriedade de se pautar no contexto de sala de aula as temáticas História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem-se a possibilidade de se formar pessoas com muito mais respeito à diversidade. Ao se propor um programa antirracismo, a contribuição para a luta contra a discriminação étnico-racial acontece. Isso porque o leitor tem a oportunidade de apreender novas aprendizagens.

A função da escola não é somente de abordar o racismo, mas de ser um espaço de desconstrução permanente da discriminação étnico-racial que permeia a sociedade. Isso significa colocar em prática uma educação antirracista, o que é essencial desde os primeiros estudos, para que ocorra a formação social dos indivíduos desde o início de sua formação, assim, tendo repassado de forma adequada a história que tanta é reproduzida de forma estereotipada, é possível criarmos crianças, jovens e adultos conscientes e aptos para conviverem com a diversidade que existe no Brasil, seja nas inúmeras etnias, culturas e religiões.

Quanto ao papel da literatura no contexto escolar, ainda que a arte literária não tenha uma função utilitária, esta acaba auxiliando na formando os leitores enquanto cidadãos, possibilitando a compreensão de si e do mundo em sua volta.

---

<sup>8</sup> O **movimento negro** “começou a surgir no Brasil durante o período da escravidão, para defender-se das violências e injustiças praticadas pelos senhores, os negros escravizados se uniram para buscar formas de resistência. Ao longo dos anos, o movimento negro se fortaleceu e foi responsável por diversas conquistas desta comunidade, que por séculos foi injustiçada e cujos reflexos das políticas escravocratas ainda são visíveis na sociedade atual”. (FAHS, Ana. Movimento negro: história, conquistas e polêmicas!. Disponível em: <https://www.politize.com.br/movimento-negro/>. Acesso em: 01 nov. 2022.

Assim, na relação com os conhecimentos, torna-se relevante considerar o acesso à diversidades de narrativas para se compreender as distintas realidades de um povo, evitando reforçar uma visão estereotipada sobre ele, conforme afirma Adichie (2019) ao tratar sobre “o perigo de uma história única”. A autora reforça que as histórias têm potencial e que todas elas importam. Destaca que “as histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas que também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada” (ADICHIE, 2019, p. 32).

Essa visão contribui para reflexão e ressignificação de conceitos e ponto de vista. Considerando que, estando em uma sala de aula mista, em que há grupos específicos, é importante que cada um conheça e valorize sua cultura, e que respeite a cultura do outro, evitando segregação, o que requer muita atenção do professor, pois “tanto podemos educar as pessoas para discriminar e oprimir como para respeitar, acolher e se enriquecer com as diferenças raciais, étnicas e culturais dos seres humanos.” (CARNEIRO, 2020, p. 116).

Sendo assim, na escola, o trabalho com literatura tende a favorecer o trato com as diferenças, contribuindo para a valorização da diversidade ao oportunizar ao leitor novas visões sobre o mundo, integrando narrativas e pontos de vista diferentes de modo a contribuir para formação do leitor crítico. Atualmente, é possível identificar muitas expressões literárias que evidenciam o protagonismo negro, como um caminho para a luta contra o racismo. Isso porque tem-se uma literatura em que há vários autores que escrevem histórias com personagens negros e negras como protagonistas, ou histórias que trazem em seus enredos as culturas africanas, e ainda uma vasta literatura que problematiza o racismo.

O poeta Assumpção, por exemplo, nos traz a voz do negro a partir de seu poema *Protesto*.

[...]  
Eu não quero mais viver  
No porão da sociedade  
Não quero ser marginal  
Quero entrar em toda parte  
Quero ser bem recebido  
Basta de humilhações  
[...]

(ASSUMPÇÃO, 2020, p.39)

Como visto no fragmento do poema *Protesto*, o eu-lírico pauta um desabafo dessa opressão causada pela discriminação e desigualdade, é hora de gritar, gritar o grito dos oprimidos, até que sejam ouvidos.

O contexto de sala também pode ser palco de práticas de racismo, daí a relevância de leituras que possibilite reflexões a partir da experiência do outro nos textos representada. Vejamos um exemplo de racismo, especificamente em sala de aula, citado por Sueli Carneiro, da Juíza Luislinda Valois, ocorrido em sua infância:

Certo dia, um professor pediu um material de desenho. Com muito custo, o pai de Luislinda conseguiu comprar um, meio remendado. Bastou o professor ver o material para magoá-la para sempre. Disse ele: “Menina, deixe de estudar e vá aprender a fazer feijoada na casa dos brancos”. Ela chorou e ainda se emociona quando relembra, 58 anos depois, desse fato. Mas tomou coragem e retrucou ao professor: “Vou ser é juíza e lhe prender”. A primeira parte ela cumpriu. Em 1984, a baiana Luislinda Valois Santos tornou-se a primeira Juíza negra do país. Não à toa, também foi quem proferiu a primeira sentença de racismo no Brasil. Em 28 de setembro de 1993, condenou o supermercado “Olhe o preço” a indenizar a empregada doméstica Aíla de Jesus, acusada injustamente de furto. (CARNEIRO, 2020, p. 281).

O exemplo de Luislinda nos mostra o quanto é necessário o ensino antirracista em todas as entidades educacionais, como ocorreu no exemplo citado, o ato do racismo cometido pelo professor em sala de aula; provavelmente, naquele período era tido como normal um professor desrespeitar um aluno(a) negro(a) pela sua cor/raça/etnia. Porém, esse caso foi mais gatilho para que Luislinda mostrasse que ela podia ser o que ela quisesse, como a juíza renomeada nas causas racistas.

A educação antirracista age com a função de tornar o ambiente escolar de todos, sem a desigualdade e a discriminação, formando pessoas para a sociedade, uma sociedade antirracista e consciente do histórico do Brasil, com cidadãos aptos para conviverem em sociedade sem desrespeitar os irmãos pela etnia.

A literatura pode muito colaborar a ajudar a entender novos contextos e gerar empatia sobre situações que outras pessoas vivenciam no sentido de ampliar a perspectiva de mundo e decolonizar<sup>9</sup> o imaginário do leitor, no sentido de pensar e se posicionar a partir da diferença colonial, na perspectiva de um mundo mais justo.

Para isso, torna-se relevante o professor atentar sobre alguns critérios quando da seleção das obras literária, dentre estes que tragam a apresentação de

---

<sup>9</sup> Conceito carregado de sentido pelos movimentos sociais indígenas latino-americanos e que questiona a colonialidade do poder, do saber e do ser.

personagens e personalidades negras, da diversidade de culturas africanas e afro-diaspóricas e que apresentassem narrativas de resistência e luta.

### 3 A FIGURA DA MULHER NEGRA SOB O OLHAR ESTEREOTIPADO

No início desse estudo mostramos o interesse em tecer uma discussão a partir a representação da mulher em dois contos, cujas narrativas versam sobre mulheres negras na função de empregadas domésticas. Em síntese, temos a que morreu sem ao menos ter tido o direito de ser ouvida, e a outra que, após anos, largou o emprego que suportou para que sua filha tivesse direito a educação. No Brasil, expressamente marcado por práticas da colonialidade, têm-se muitas vozes negras, algumas sobrevivendo caladas e outras mortas por não poderem falar. No discurso colonial, o corpo colonizado foi visto como corpo destituído de vontade, subjetividade, pronto para servir e destituído de voz (HOOKS, 1995).

A população do nosso país em sua maioria é negra e mestiça, e essa população é a menos favorecida. Na verdade, sempre foi. O espaço de atuação para essa população é visto nos empregos de níveis mais baixos, principalmente nos que dizem precisar de menos instruções.

O texto, *caso de tia Ana*, poema de Assumpção, nos mostra como nossa sociedade sempre coloca o negro em condição subalterna, e, quando se ver um negro bem-sucedido é tido como estranho, como ocorre no poema, mais uma vez o negro é visto como o serviçal:

*Batem na porta da rua  
Vai atender a quem bateu  
– Vá chamar um dos donos da casa  
seu patrão ou sua patroa  
– A dona da casa sou eu  
A pessoa muda de tom de repente  
– Oh Senhora me perdoa  
Essa cena se repete frequentemente*

(ASSUMPÇÃO, 2020, p. 104)

Os versos põem sob foco uma cena recorrente, típica de uma sociedade marcada pelo racismo estrutural. Ao ir a uma casa (aparentemente bem estruturada) da qual saiu para atender ao chamado uma mulher negra, a pessoa não teve o cuidado de querer se informar quem era aquela senhora, se fosse uma mulher branca, teria lhe perguntado quem era. A mulher negra é automaticamente vista sob a ótica da figura estereotipada pela sociedade: a empregada da casa dos brancos. O inverso não causaria, de modo que "*Essa cena se repete frequentemente*". Isso

porque o lugar de privilégio sempre foi colocado para o branco, que é o dono da empresa e o chefe do negro. Ainda há quem veja isso como normal, o espaço do branco sempre foi respeitado, porém, quando um negro alcança este pódio, é visto como um desrespeito à classe branca dominante.

Naturalmente, a mulher negra tem sido ícone na forma que a sociedade estereotipa: desde a colonização brasileira, a mulher negra sempre fora empregada das famílias brancas, babá de seus filhos, encarregada de todas as tarefas domésticas de uma família branca. Estudos recentes mostram os dados de ocupação profissional das mulheres negras:

Segundo dados divulgados pelo Ministério do trabalho e pelo Ministério da Justiça na publicação *Brasil, gênero e raça*, as mulheres negras ocupadas em atividades manuais perfazem um total de 79,4% da força de trabalho feminina negra. Destas, 51% são empregadas domésticas e 28,4% trabalham como lavadeiras, passadeiras, cozinheiras, serventes etc. (CARNEIRO, 2020, p. 128).

A maior parte da população das mulheres negras ocupa a profissão de empregada doméstica no Brasil. É uma porcentagem muito relevante, o que causa ainda mais e a estigmatização dessas mulheres em situação de subalternidade. Dentro de uma visão politizada, desde 1980 existe o Movimento de Mulheres Negras (MMN), em que reivindicam seus direitos, de acesso à educação, saúde, em emprego, política, religião, um combate contra o racismo e toda forma de opressão.

Em meio ao Movimento Negro, viu-se a implementação do Movimento Feminista, tendo em vista que as mulheres negras têm causas específicas às quais as brancas não têm, como a desvalorização, a estigmatização, os estereótipos formados pela sociedade, desse modo, em meio a tantas causas, o Feminismo Negro visibiliza a mulher negra e sua luta por seus direitos:

As bandeiras do movimento feminista começam a ser discutidas, no Brasil, pelo contato de brasileiras exiladas na Europa e nos Estados Unidos durante a ditadura militar desde a década de 1970. Sueli Carneiro (2003), um dos nomes mais importantes da militância negra no Brasil, nos propõe “enegrecer o feminismo”. Ela nos mostra que alguns dos pilares do movimento feminista não fazem sentido nas experiências das mulheres negras e, particularmente, das negras brasileiras. Em linhas gerais, “enegrecer o feminismo” significa articulá-lo com o racismo e buscar traçar o impacto das questões raciais sobre as relações de gênero. (MOTA DE GOIS et al., 2021, p. 264).

Desta forma, é perceptível que a proposta do Movimento de Mulheres Negras também seja de lutar contra o racismo, um os fatores que contribui para as causas das mulheres negras quanto à desvalorização por raça/gênero/classe. E, Sueli Carneiro em seus diversos estudos nos abre a visão da importância desse movimento, de “enegrecer o feminismo”. Sobre isso, Mota de Gois et al. (2021, p. 264) destacam:

No contexto brasileiro de lutas sociais, muito antes de Carneiro propor “enegrecer o feminismo”, Gonzalez (1984) já indicava o profundo abismo que separava as feministas negras das brancas na década de 1980. Para ela, o fato de a mulher branca não viver a discriminação racial a impedia de compreender o quanto os preconceitos raciais afetam a perspectiva de gênero. Para Gonzalez (1984), o movimento feminista brasileiro estava organizado a partir de um modelo ocidental e judaico-cristão que pouco ou nada considerava os dados étnicos e raciais da população brasileira e seu histórico escravocrata particular.

Lélia Gonzalez já tinha em vista que o feminismo em si não dava conta das causas das mulheres negras, pois ambas desfrutavam de contextos históricos distintos. Os brancos tinham seus privilégios, enquanto os negros tinham a desvalorização e sofriam racismo. A partir deste movimento,

Dentre os principais direitos conquistados pelas mulheres ao redor do mundo, podemos destacar o direito à educação formal, direitos políticos, autonomia legal, direitos trabalhistas (licença-maternidade remunerada) e direitos reprodutivos. (MOTA DE GOIS et al., 2021, p. 267).

Buscar a equidade é o objetivo do Movimento de Mulheres Negras, para que essas mulheres possam usufruir de seus direitos em seus diversos espaços os quais se sentem oprimidas, desconstruir os conceitos reproduzidos ao longo dos anos, e construir uma sociedade antirracista e com vista para a verdadeira luta das mulheres negras brasileiras.

A literatura afro-brasileira de autoria feminina tem pautado a afirmação identitária das populações negras, atribuído lugares de protagonismo, além da humanização dos personagens negros e negras, demonstrando, a relevância e potencialidade que esta literatura tem como instrumento de leitura na formação de leitores. Seja porque trata de memórias silenciadas pela dor, pela escravização, pelo racismo e desigualdades, seja pela necessidade que temos em vencer a pauta que estigmatiza o feminino negro.

### 3.1 “Maria” e a “Última Empregada”: entre a submissão e a transgressão

Os dois contos em questão têm como protagonistas mulheres negras de nome Maria, certamente a escolha por si só já indica uma simbologia, considerado ser um dos nomes mais comuns. Embora de origem incerta, segundo o Dicionário de Nomes<sup>10</sup>, no significado de origem hebraica, Maria significa “senhora soberana”, “vidente” ou “a pura”. Pode significar ainda, “a forte”, “a que se eleva”, conforme a raiz egípcia *mry*, que significa “amar”. Distante da áurea da Maria bíblica, a mãe de Jesus, as mães negras se identificam na atenção aos filhos, cada qual a seu modo buscam se doar em amor materno na proteção e dias melhores. Em sua profissão, enxergam a possibilidade de prover o alimento e a educação de forma digna, embora não sejam reconhecidas em sua luta.

O conto *Maria*, de Conceição Evaristo, traz a abordagem da empregada negra doméstica, que sai todos os dias de manhã para cumprir sua rotina, pegar ônibus, chegar ao trabalho, voltar para casa, cuidar dos filhos, e tantas outras funções.

No conto, em síntese, Maria estava exausta e esperando o ônibus para voltar pra casa, pois no dia anterior, no domingo, havia tido uma festa na casa de sua patroa. O que restou algumas frutas, as quais ela levava para casa, dentre essas frutas, havia melão, “As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos gostavam de melão?” (EVARISTO, 2018, p. 41), também tinha ganhado uma gorjeta, a qual seria usada para comprar remédios para seus filhos menores que estavam gripados. Quando o ônibus chegou, Maria pegou as bolsas que levava, entrou e se sentou. Quando viu um homem que se levantou lá de trás do último banco, ela o reconheceu. Ele veio e se sentou do lado dela, conversaram baixinho, perguntando-lhe sobre o menino.

[...] E, logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. (EVARISTO, 2018, p. 43).

O fato de um dos assaltantes ter sentado do lado de Maria e não ter levado nada dela, levou os passageiros pensar que Maria era cúmplice deles. Mesmo que aquele assaltante fosse seu ex-companheiro, mas não justificava relação alguma

---

<sup>10</sup> In: <https://www.dicionariodenomespropios.com.br/maria/>.

com o acontecimento do roubo no ônibus. O medo de Maria, tomado pelo sentimento de mãe ao pensar no futuro de seus filhos, a insegurança do amanhã. Uma mãe que preza a vida de seus filhos, antes da sua. Tomada por esse sentimento de opressão, a situação se agravou:

Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho [...] ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. (EVARISTO, 2018, p. 43).

Nesse primeiro momento, Maria foi agredida verbalmente. Estando em meio a uma sociedade patriarcal, em que a mulher ainda é submetida a maus tratos como esses, decorrentes da violência física, psicológica, sexual, patrimonial, que tem por motivação principal o gênero. Nessa citação, é empregado termos/palavrões pejorativos em relação a personagem, "puta safada", "negra safada". Termos como esses são derivados do machismo, esse comportamento que trata com desigualdade o gênero feminino. O homem se vê na liberdade de poder insultar uma mulher com seu discurso machista. Sabemos que o fato dela ser negra também ocasionou tal situação, não sendo o suficiente, gritaram:

Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira: — Calma pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos... (EVARISTO, 2018, p. 44).

No trecho acima, é perceptível a violência empregada contra Maria. Em nossa sociedade, esses atos são decorrentes, mulheres são vítimas de violência diariamente, seja no espaço doméstico, profissional ou social. Essa ação é um fator que gera ainda mais a desigualdade entre gêneros, a mulher é vista como a indefesa, o que gera essa invasão, acometendo-a a violência. Na situação, em questão, vendo a situação se agravando, o motorista tentou defender Maria, porém, sua justificativa de nada foi válida. Os passageiros insatisfeitos, gritam novamente: "Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos." (EVARISTO, 2018, p. 44). Tal brutalidade aconteceu, sem legítima defesa.

Quando a polícia chegou o corpo de Maria já estava todo dilacerado. Tudo foi tão rápido, tão breve [...] por que estavam fazendo isto com ela? O

homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado. (EVARISTO, 2018, p. 44).

Maria foi brutalmente vítima de racismo, com a junção da agressão verbal e, nesse segundo momento, agressão física, levando-a a morte. O racismo é uma prática social estruturada tão brusca que pode levar a vítima a pior situação, pagar com a vida. Tida como “elemento suspeita”, Maria não teve voz, foi logo taxada de marginal. O que foi tido como certeza absoluta, mesmo sem provas.

Uma voz calada pelo peso do racismo. “No entanto, a cultura de impunidade e de tolerância em relação às práticas discriminatórias fazem com que ninguém seja punido e preso pelas ações racistas que pratica.” (CARNEIRO, 2020, p. 111).

A protagonista dessa história tem a voz silenciada; está representada nesse enredo sob a perspectiva da estigmatização imposta pela sociedade, o que lhe causa o apagamento de suas ações, sem autonomia, ocasionada também pela sua condição de vida, mulher negra, que trabalha na casa de ricos para sustentar seus filhos, sem muitas opções e com poucas condições econômicas, se ver submetida a calar-se perante tamanha injustiça. Diante desse contexto, Maria é silenciada, sem conseguir transgredir e lutar pela vida, essa violência acaba calando sua voz. Para Balisa e David (2017, p. 78-79),

Pensar sobre a violência sofrida pela protagonista do enredo permite-nos indagar sobre diversos fatores desencadeadores das agressões sofridas por esta e que representam os ataques sofridos por inúmeras mulheres. Em outros termos, os fatos narrados se assemelham às situações de muitas “Marias” em nosso país.

Essa representação da Maria, por Conceição Evaristo, remete a tantas mulheres que já passaram por algum tipo de agressão, seja pelo sexismo, machismo, patriarcalismo, racismo ou mesmo pela discriminação étnico-racial. Podemos dizer que sua obra é um retrato que denuncia.

Já representando a transgressão da mulher negra em condição de empregada doméstica, se inscreve o conto “A última empregada”, de Ana dos Santos. Tudo começa quando Maria encontrou uma barata na casa de sua patroa:

Maria se moveu devagar para não assustar a bichinha e, habilidosamente, colocou sobre ela o copo transparente que lavava com o resto da louça suja

do jantar. Em outras circunstâncias, daria uma chinelada certa na barata. Mas aquela era diferente. Era uma barata branca. Ou melhor: albina! Em seus 60 anos de existência, nunca tinha visto uma barata branca antes. Já tinha ouvido falar, mas nunca viu assim de pertinho e nunca teve a curiosidade de pesquisar. (SANTOS, 2017, p. 73).

Aos seus 60 anos, Maria era serviçal de uma família branca, diante de tudo que já tinha passado em sua vida, ver aquela barata lhe impressionava, pois era a primeira vez. O que nos faz associar a cor da barata ao ambiente em que ela estava vivendo, a branquitude que se caracterizava.

Maria era uma mulher descobrindo novos mundos, a que se submeteu a trabalhar anos para dar a sua filha uma melhor condição de vida, com direito à educação superior. Diante da descoberta com o mundo tecnológico, ela logo pensou em pesquisar na internet:

Pesquisa no telefone com a palavra “barata” não ia dar bons resultados. A filha, recém-formada em veterinária, deu o celular grandão, de tela brilhante, de presente. Primeiro, achou bobagem, pensou que nunca ia mexer direito. Agora já assistia vídeo, usava para ver Dandara, que continuava os estudos do outro lado do mundo, pesquisava receitas, via notícias. Até o bom e velho rádio, com radialistas de voz gostosa que, segunda a filha, eram má influência, já tinha caído no esquecimento. Agora ouvia qualquer música pela internet. (SANTOS, 2017, p. 73).

Na condição de médica veterinária, Dandara<sup>11</sup>, dava a sua mãe a oportunidade de se atualizar através dos meios tecnológicos. O que para uma mulher aos 60 anos era uma novidade, um grande avanço por ser vista apenas como uma empregada doméstica.

Maria “olhava a barata fascinada. Uma barata branquinha, quase transparente. O oposto da mão preta que agora a segurava.” (SANTOS, 2017, p. 73). A barata branca, logo se associa ao ambiente em que estava não tendo nenhuma referência com Maria, pois ela era negra. Como a serviçal daquela família, ela sabia da imundície dos seus patrões, o que poderia ter ocasionado o aparecimento daquela barata. Depois de muito pensar a que fim dar a barata, ela resolveu deixar a barata de presente para sua patroa:

---

<sup>11</sup> Dandara: Significa “princesa guerreira” ou “princesa negra”.

O significado do nome Dandara é desconhecido, mas de acordo com a história do Brasil Colonial, esta teria sido uma negra escrava guerreira, esposa da emblemática figura do Zumbi dos Palmares, e mãe de três filhos dele. (In: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/dandara/>).

Maria que tinha bom coração, resolveu livrar a bichinha. Deixaria de presente para a sua patroa no banheiro de granito branco. Para combinar! [...] Escravidão acabou! Estava dando o fora daquele chiqueiro para sempre. Não, na mesa era melhor. Dentro do pote de açúcar. [...] Talvez se engasgassem na branquitude da barata. Não sabia. Depois de tudo que sofreu para que a filha estudasse, não se importava. Ao contrário da barata branca, Maria estava livre. (SANTOS, 2017, p. 76).

Nessa narrativa marca por traços de ironia, vemos que a protagonista passou parte de sua vida aguentando a imundice dos seus patões, pois tinha como objetivo os estudos de sua filha. Depois de seu objetivo alcançado, ver sua filha formada, ela teve a oportunidade de ter acesso ao consumo de outros bens, como um celular tecnológico, e a descobrir e se abrir a novos mundos.

A Maria, de Ana dos Santos, representa a transgressão de uma dada condição, a partir da libertação do trabalho doméstico. O futuro da filha, almejado a ser outro, foi o principal motivo para ela ousar de sua força, resistir até conseguir dar a ela um futuro diferente do seu. Tendo se submetido até os 60 anos ao trabalho doméstico, prezou pelo incentivo dos estudos de Dandara, até que um dia pode dar adeus àquela família de brancos.

Em síntese, a partir dos contos, é possível observarmos que, a primeira Maria, ainda jovem, mãe de três filhos, vivia sob condições de vulnerabilidade, e ficava muito feliz quando levava comida para seus filhos, principalmente quando podia lhes oferecer algo novo. Ela é o exemplo da mulher negra que vive sob a submissão da sociedade, já não espera um futuro melhor para ela, mas luta para que seus filhos possam ter uma vida mais oportuna. Como personagem submissa estigmatizada pelas suas condições, isso a oprime. Acaba sendo vítima de homicídio pelo racismo predominante por aquelas pessoas que ali estavam. Seus filhos eram apenas crianças, que ao menos tinham experimentado melão. Fica um sentimento de incerteza do futuro dessas crianças.

A segunda Maria, embora ocupando as mesmas condições trabalhistas, tem objetivos concretos e consegue transgredir, chegar ao que almeja, se libertando da escravidão que passou por anos sendo serviçal daquela família branca. Sua filha terá melhores condições, e ela poderá usufruir de uma vida nova.

Diante de duas histórias em que negras são protagonistas na condição de empregadas domésticas, é possível verificar o peso de um papel estereotipado pela sociedade, visto que a maioria são mulheres negras a ocupar essa função sofrem a

discriminação relativa ao trabalho ligado à condição escrava e, conseqüentemente, à sua desvalorização social<sup>12</sup>.

As mulheres/Marias retratadas nas narrativas em questão não tiveram oportunidades para além da subsistência em suas vidas, mas buscaram fazer a diferença na vida de seus filhos, sempre fazendo com que eles conhecessem o que estava distante de suas realidades, seja desde uma pequena coisa, como comer uma fruta nova, até ser possível a filha da empregada negra chegar a uma universidade e se formar em Medicina. O que é normal para os brancos, são grandes vitórias para pessoas que são estigmatizados pelo racismo estrutural, tratados como subalternos da branquitude. A visão da sociedade quando falamos de empregadas domésticas, em sua maioria, é diretamente para as mulheres negras, o que é visto como estigmatização de um histórico de anos, que envolve cultura, grupos e classes sociais.

---

<sup>12</sup> Essa condição de desvalorização é histórica. É somente a partir de 2018 que as empregadas domésticas no Brasil passam a ter o direito à carteira assinada.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contos objetos da discussão em torno representação de cor e gênero no espaço doméstico mostram dois lados de realidade de mulheres negras, ambas domésticas, mas com controvérsias como narrado nas histórias. Uma morreu, e a outra teve a oportunidade de se libertar. Nesse contexto, tem-se a figura estereotipada da mulher negra na sociedade brasileira, vista como a serviçal, a que não tem instrução, a que é submetida aos cargos de menos prestígio.

As tramas postas em evidência revelam para o leitor questões como racismo, invisibilização, negação, silenciamento, resistências e transgressões as quais vozes negras denunciam a exemplo de Conceição Evaristo, Ana dos Santos, Silvío Luiz de Almeida, Chimamanda Ngozi Adichie, Kabengele Munanga, Cidinha da Silva, Sueli Carneiro, Carlos de Assumpção, Lélia Gonzalez, Luislinda Valois, entre outros que são protagonistas e ativistas na causa negra.

Diante das narrativas em estudo, desenvolvemos este trabalho com o intuito de pautar a reflexão crítica frente à estigmatização da mulher negra na condição de empregada doméstica na sociedade brasileira. Esse papel, embora útil, seja estereotipado através do racismo que se estruturou desde a colonização e a escravidão e continua a ser reproduzido. Embora vejamos ultimamente novas posturas advindas de quem luta por reconhecimento e valorização.

Desse modo, a literatura se revela uma das fontes imprescindíveis para discutir comportamentos e práticas sociais, principalmente em contextos de ensino. Leituras que muito contribuem na formação do cidadão, com sua função social de conscientizar e fazer refletir, gerando o pensamento crítico-reflexivo através dos temas em discussão.

Diante dessa abordagem de narrativas que possibilitam dois olhares distintos sobre mulheres negras e empregadas domésticas, a que está submissa e não tem tanto o que oferecer aos seus filhos, e a que resisti e transgride a condição dada para dar a sua filha uma vida diferente da sua, com instrução e formação acadêmica. Através da nossa base de apoio, os contos das Marias, discutimos questões relevantes, as quais foram causas para essa estigmatização das mulheres negras, destaca-se a educação como base para a transformação.

Mesmo que a democracia racial ainda seja um mito em nosso país, é preciso resistir e não desistir. Viver tem sido um desafio diário para esse grupo étnico racial, pois, a violência gerada pelo racismo torna uma vida negra marcada. O Movimento Negro vem denunciando todas as formas de opressão do povo negro, os quais são submetidos a diversos modos de discriminação, sempre buscando visibilidade para as suas lutas, em prol de uma sociedade antirracista

Como visto no decorrer deste trabalho, vozes de ativistas negros/as são ecoantes, através da representatividade desses autores negros, vemos a crítica a construção de uma sociedade antirracista, que respeite a todos com sua diversidade, cultura, religião, sem o enraizado costume de definir uma pessoa pelo estigma da cor da pele.

Por fim, é essencial formamos sujeitos sociais que compreendam o contexto histórico do Brasil, como parte de sua história e não como forma de opressão ao grupo que sofreu a escravidão. Construir uma sociedade antirracista é o objetivo, mas, para isso é preciso que todos tenham alteridade, colocar-se no lugar do outro, buscar entender e respeitar as singularidades de cada indivíduo, assim, unificando-os em igualdade. É fundamental acreditar no poder da educação, da literatura como voz ativa nessa luta de raças, como dizia Paulo Freire “esperançar” é preciso. Que as vozes negras ecoam até que sejam ouvidas. Parafraseando Carlos de Assumpção, em seu poema *Protesto* “Não pararei de gritar”.

## REFERÊNCIAS

- ADICHE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução: Júlia Romeu. 1ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ASSUMPÇÃO, Carlos de. **Não pararei de gritar**: Poemas reunidos. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- BALISA, F. F.; DAVID, N. A. *A violência contra a mulher negra no conto “maria”, de conceição evaristo*. **Litterata**: Revista do Centro de Estudos Hélio Simões. v. 7 n. 1 (2017): Literatura afro-brasileira. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/1478>. Acesso em: 12 nov. 2022.
- BENTO, Cida. **Pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BRASIL. **Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana. Brasília, 2004.
- Cadernos Negros 40: contos afro-brasileiros**. Organização de Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2017.
- CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas Míni, 2018.
- FAHS, Ana. **Movimento negro: história, conquistas e polêmicas!**. Disponível em: <https://www.politize.com.br/movimento-negro/>. Acesso em: 01 nov. 2022.
- HOOKS, bell. **Intelectuais negras**. **Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 464-469, 1995.
- MOTA DE GOIS, V.; SOUZA VASCONCELOS, A. P.; RODRIGUES DA SILVA, B. E.; SIQUEIRA DOS SANTOS, M. C. *A importância do movimento de mulheres negras e suas principais conquistas e desafios na atualidade*. **Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - SERGIPE**, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 261, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/9862>. Acesso em: 18 out. 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **A relação entre branquitude e privilégio**. Ciência Hoje, 2020. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/a-relacao-entre-branquitude-e-privilegio/>. Acesso em: 11 out. 2022.

SILVA, Cidinha da. **#Parem de nos matar**. São Paulo: Polén, 2019.